

Economia - Brasil

Dias melhores

• O ano foi difícil, mas acaba muito melhor do que começou. Ainda há problemas, mas o Governo experimenta agora um justo alívio, diz o titular da Secretaria de Comunicação, Andrea Matarazzo. Em suas conversas, o presidente faz igual avaliação: o pior, com certeza, já passou. Mais do que aos acertos, a melhora se deve à redução da taxa de erros e atos inúteis.

Pedro Parente, chefe do Gabinete Civil, também admitiu ontem em seu balanço que 1999 não foi fácil. E como todos no Governo, apostava que agora tudo vai melhorar. De fato, apesar do ruído militar e da confiança ainda baixa, os dias já são melhores para um Governo que logo depois da posse enredou-se numa desastrada mudança da política cambial que culminou na sexta-feira negra de 29 de janeiro e na segunda troca do presidente do Banco Central em poucos dias. Em fevereiro, os preços refletiram a desvalorização da moeda forte que era o Real e, em abril, a popularidade do presidente caiu mais que a moeda. Com o presidente enfraquecido, a solidariedade dos aliados minguou, fizeram CPIs por conta própria (o que é natural, mas o Governo nunca permitira antes). O Congresso trocou o amém de antes por um comportamento mais ativo e independente. Em julho, o Congresso enfim teve férias e FH deu um passo para virar o jogo. A reforma ministerial de julho elevou a qualidade operacional da Esplanada e do Palácio. Mas FH foi ao fundo da impopularidade em setembro, teve que demitir um amigo como Clóvis Carvalho e travou muitas lutas de florete com o senador Antônio Carlos, com o PMDB e com os governadores. Na maioria dos casos, por uma palavra mal posta ou por um gesto brusco da área econômica, como o bombardeio do ministro Malan contra reforma tributária.

Fernando Henrique acha que houve um susto em ondas: inicialmente, o Governo sentiu a gravidade da situação. Quando o perigo já tinha passado, a classe política assustou-se. Quando esta se acalmou, a população farejou o perigo já vencido. E só ago-

ra, estaria voltando a sentir confiança na estabilidade.

Matarazzo, enfim ministro, promete para 2000 uma nova política de comunicação, setor em que o Governo sempre foi deficiente. Pretende regionalizar a publicidade oficial, reduzir as antipáticas falas em cadeia de televisão, afinar a linguagem governamental e elevar os investimentos em patrocínio cultural e desportivo, mas criando filtros contra desvios e malversações.

Mas nem os sinais positivos da economia, razão maior do otimismo, nem a política mais agressiva de comunicação farão milagres se o Governo continuar reincidindo nos velhos erros. Um deles, a falta de tato político. As presenças de Aloysio Nunes Ferreira e Pedro Parente no Planalto atenuaram o problema. Mas a área econômica, com sua hegemonia e baixa sensibilidades, não pára de criar conflitos. E por fim, mas não menos importante, as falas improvisadas de FH, que o levam a pisar inadvertidamente em tomates maduros. Não se ouviu nada com a gravidade do vagabundo de 1998, mas outras coisas foram ditas sem a menor necessidade. Como as recentes críticas ao Congresso, das quais acabou se desculpando. Ou a fala de anteontem em defesa das vítimas de pré-julgamento na vida pública. Num dia em que a Aeronáutica fervia, negou em seguida que estivesse defendendo a ex-assessora do ministro da Defesa, um dos pivôs da crise naquela força.

Se a economia a ajudar e a taxa de erros baixar, dias melhores devem chegar mesmo. Inclusive porque em 2000 os políticos vão cuidar da própria pele, no pleito municipal. Amanhã, o balanço da oposição.

O
GLOBO
23 DEZ 1999